



CONTOS NOTÓRIOS

de LUIS LOPES

Contos Notórios de Luis Lopes - 2026

Autor

Luis Lopes

Diretora

Ana Beatriz Araujo

Gerente Editorial

Ana Beatriz Araujo

Produção de Impressão

Gráfica Meta

Preparação

Everton Moran de Paiva

Revisão

Ana Beatriz Araujo

Projeto Gráfico e Diagramação

Ana Beatriz Araujo

Design e Ilustração

Ana Beatriz Araujo

Everton Moran de Paiva

Capa

Ana Beatriz Araujo

**Copyright © Luis Lopes**

Primeira Versão – 2026

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a permissão escrita do escritor!

Meu Jardim Editorial

Endereço: Rua Antônio Cantelli, Jardim Morada do Sol – Indaiatuba, SP.

Fale conosco: meujardim.poemasepoesias.ab@gmail.com

Instagram: [meujardimeditorial](https://www.instagram.com/meujardimeditorial)

Dedico este livro a todos aqueles que cruzaram o meu caminho e, sem saber, deixaram em mim fragmentos de suas histórias.

Aos que amaram e perderam, aos que sonharam e fracassaram, aos que recomeçaram quando tudo parecia terminado.

À minha família, alicerce dos meus dias, refúgio nas tempestades e porto seguro nas horas de incerteza.

A vocês, que caminharam ao meu lado nos momentos de alegria e também nos períodos mais difíceis, ofereço estas páginas com todo o meu amor e gratidão.

Cada história aqui escrita carrega um pouco da força, dos valores, dos ensinamentos e do carinho que recebi ao longo da vida. Se encontrei palavras para contar histórias, foi porque antes encontrei em vocês os exemplos que deram sentido à minha própria história.

À minha esposa, companheira de todas as horas; aos meus filhos, que são parte dos meus sonhos e da minha esperança; e a todos os familiares que compartilharam comigo os caminhos da vida.

Este livro é para vocês.

Com amor e eterna gratidão,

Luís Lopes.



“A vida é a arte do encontro.”

Vinicius de Moraes



Sumário

PARTE I.....	13
--------------	----

AMORES QUE BATEM À PORTA

Quando o Amor Bate à Porta.....	14
Todas as Vezes que o Amor Passou por Aqui.....	19
As Formas do Amor.....	23
As horas entre nós.....	27
Entre o café e o guarda-chuva	31
A Última Luz da Rua	39
Além do Físico	45
As Muitas Formas de Amar	51

PARTE II.....	55
---------------	----

CASAS, JANELAS E MEMÓRIAS

A Casa Do vento	56
No Perfume do Tempo.....	59
O cheiro das laranjeiras.....	66
Sábado de Feira.....	68
A Casa de Victória.....	71

A Janela do Café	76
A Casa dos Silêncios.....	78
Janelas do Meu Bairro.....	80

Parte III	83
-----------------	----

ENTRE SOMBRAS E SILÊNCIO

A Sala Azul	84
Ecos de uma casa abandonada	87
O Relógio de Areia.....	91
O Último Trem	99
À Sombra de Carmilla.....	106
A Cabana e o Silêncio.....	109
O Silêncio da Floresta	114

PARTE IV	123
----------------	-----

VOZES DO SERTÃO

Rezo de Terra e Sol.....	124
Quando o céu desaprendeu de chover	128
A Seca, a esparança e os ventos do sertão.....	133
O Sumiço do Padre Honório.....	145

A Cidade da boca de pedra.....	150
--------------------------------	-----

PARTE V	161
---------------	-----

A CIDADE E SEUS PECADOS

A Boca da Madrugada.....	162
--------------------------	-----

A Língua do pecado	165
--------------------------	-----

Entre goles e silêncios.....	168
------------------------------	-----

A boca do Mundo	171
-----------------------	-----

Reflexões Noturnas	175
--------------------------	-----

PARTE VI.....	179
---------------	-----

OPERAÇÃO CAMPAINHA

Monólogo Da Próstata	188
----------------------------	-----

O Fluxo Interrompido	190
----------------------------	-----

Um dia no Departamento de Reclamações.....	193
--	-----

A Rebelião do Cesto.....	198
--------------------------	-----

A Revolta no galinheiro.....	202
------------------------------	-----

O dia em que as galinhas se calaram	206
---	-----

A Vingança do Sítio Esperança	210
-------------------------------------	-----

PARTE VII	213
-----------------	-----

O TEMPO, A VIDA E O ADEUS

O Último Bilhete	214
O Baile dos Corações Jovens.....	217
O Último Suspiro de Vida	221
A Corrida do Senhor Arlindo	224
A Viagem Dos Corações Jovens	227
A Última Semente.....	230
O Contador de Histórias do Pelourinho	233
A Última Viagem de Elisa e João	237
Estação de Trem.....	241
Sinais na varanda	244
O Bilhete no estojo	253

INTRODUÇÃO

Não sei dizer ao certo como nasceram estes contos.

Alguns vieram de lembranças antigas que se recusaram a desaparecer. Outros surgiram de pessoas que conheci pelo caminho e que, sem saber, deixaram marcas profundas na minha memória. Há também aqueles que nasceram de uma simples pergunta: "E se tivesse sido diferente?"

Passei boa parte da vida observando pessoas. Nos lugares por onde andei, encontrei trabalhadores, sonhadores, homens derrotados, mulheres corajosas, crianças cheias de esperança e idosos carregando histórias que nunca chegaram ao papel. Aprendi que cada rosto guarda um segredo, uma dor, uma alegria ou uma saudade.

Talvez por isso eu escreva.

Escrevo porque algumas histórias merecem permanecer vivas. Escrevo porque a memória é frágil e porque o tempo leva quase tudo. Escrevo porque a imaginação, às vezes, consegue alcançar verdades que os fatos não conseguem explicar.

Os contos reunidos neste livro não seguem uma única estrada. Alguns falam de perdas. Outros de reencontros. Há histórias que caminham próximas da realidade e outras que se afastam dela. Mas todas nasceram da mesma curiosidade diante da vida e das pessoas.

Não espero que o leitor concorde com tudo o que encontrará nestas páginas. Espero apenas que caminhe por elas com a mesma curiosidade com que foram escritas.

Se ao final da leitura algum personagem permanecer em sua memória, se alguma frase despertar uma lembrança esquecida ou se alguma história fizer companhia em uma noite silenciosa, então estas páginas já terão encontrado sua razão de existir.

Luís Lopes

Parte II

AMORES QUE BATEM À PORTA





QUANDO O AMOR BATE À PORTA



O amor não anuncia sua chegada; ele apenas acontece. Júlia percebeu isso numa quinta-feira qualquer, quando abriu a porta do apartamento para encontrar seu vizinho, Tomás, segurando a correspondência que por engano havia parado na caixa dele. Era só um envelope comum, mas o olhar dele tinha algo de incomum, um jeito de quem parece reconhecer alguém que nunca viu.

Ela agradeceu, tímida. Ele sorriu, sem pressa. E naquele instante breve — curto demais para ter importância, longo demais para ser apenas acaso — algo se deslocou silenciosamente dentro dela. O amor às vezes começa assim:

num gesto tão pequeno que só mais tarde percebemos o tamanho.

Nos dias seguintes, cruzaram-se pelo elevador. Pelas escadas. Pela padaria. Conversavam sobre amenidades — o calor, o trânsito, o cachorro do 203 que latia como se tivesse contas a acertar com o mundo. O amor, naquela época, era apenas um território sendo mapeado.

Mas Júlia já conhecia outras geografias do amor. Havia o amor antigo e fiel de seu pai, Seu Ernani, que acor dava cedo para ligar perguntando se ela tinha tomado café. Ele nunca se adaptou à ideia de que a filha morava sozinha numa cidade grande. Era um amor preocupado, às vezes sufocante, sempre sincero. Desses que insistem em existir mesmo quando ninguém pediu.

Havia também o amor de amizade com Carla, sua melhor amiga desde a escola. Esse era um amor barulhento: risadas escandalosas, segredos trocados em corredores apertados, brigas de cinco minutos seguidas de abraços de dez. Carla era o tipo de amiga que aparecia com pizza e conselhos tortos sempre que Júlia começava a duvidar de si mesma.

E havia, claro, o amor que dói — aquele que Júlia havia deixado para trás. O ex-namorado, Mauro, que nunca soube ouvir e sempre soube exigir. Foi um amor que começou bonito e terminou pesado. A lembrança dele era uma ferida que às vezes ardia, às vezes coçava, mas nunca desaparecia completamente.

Por isso Júlia andava com passos cuidadosos quando Tomás aparecia. Não queria precipitar nada. Não queria repetir erros. Não queria entregar o coração como quem entrega uma encomenda sem conferir o destinatário.

Mas o amor é insistente.

Um dia, ao voltar do trabalho, Júlia encontrou Tomás sentado no corredor, segurando o próprio tornozelo. Tinha torcido o pé na escada. Ela ajudou, levou-o até seu apartamento, colocou gelo, fez chá, ouviu suas histórias enquanto ele esperava a dor diminuir. Foi ali que o amor começou a respirar mais fundo.

Tomás, ao contrário de Mauro, não tinha pressa. Não pedia certezas. Não fazia perguntas invasivas. Apenas oferecia presença — silenciosa, tranquila, constante. Júlia, que sempre se apressava para caber nas expectativas alheias, descobriu com ele um amor que não cobrava desempenho.

E assim o romance nasceu. Sem grandes declarações. Sem fogos de artifício. Apenas no ritmo possível.

O problema é que o amor, quando cresce, desperta medos.

Júlia começou a se perguntar se era suficiente. Se merecia. Se não iria estragar tudo como da última vez. O passado é um fantasma que gosta de entrar sem ser convidado. E Tomás, percebendo seus receios, não se afastou — aproximou-se com delicadeza. “Eu fico”, ele disse. “Mas só se você quiser ficar também.” Ele sabia que amor não se empurra; se oferece.

Com o tempo, ela relaxou. E permitiu que o amor se ajeitasse dentro dela.

Mas esse conto não é apenas sobre o amor romântico.

Certo dia, enquanto tomavam café na varanda, o telefone de Júlia tocou: era o hospital. Seu Ernani havia passado mal. O amor, naquele momento, tornou-se urgência.

Júlia correu para a cidade natal, Tomás foi junto, e foi ele quem segurou sua mão na sala de espera. O pai sobreviveu, mas o susto deixou marcas — e lembranças.

Ali, olhando o velho adormecido no leito, Júlia percebeu outra forma de amor: o amor que teme perder. O amor que se desespera. O amor que é raiz e ferida ao mesmo tempo.

Quando voltaram para casa, Júlia compreendeu que amar é, muitas vezes, aceitar a possibilidade da dor. E mesmo assim escolher continuar.

Meses depois, numa manhã calma, Tomás bateu à porta dela. Não trazia flores. Não trazia pedidos. Apenas disse: “Posso ficar?” E Júlia, pela primeira vez em anos, sentiu que podia responder sem medo: “Pode.”

O amor, naquele instante, entrou pela porta como se sempre tivesse morado ali.

Júlia e Tomás não eram perfeitos. Discutiam sobre coisas bobas. Discordavam sobre outras. Mas aprendiam a se encontrar no meio do caminho. Porque o amor também é isso: negociação, paciência, cuidado.

E o tempo passou.

Um ano depois, na mesma praça onde gostavam de caminhar, viram um menino cair da bicicleta. Os pais correram, mas o choro dele ecoou no peito de Júlia. Tomás apertou sua mão. O amor estava ali — não como romance, mas como compaixão.

Foi nesse instante que Júlia percebeu uma verdade simples: o amor não tem um único rosto. Ele é todos ao mesmo tempo. É o vizinho que virou par, o pai que virou susto, a amiga que virou porto, a criança desconhecida que desperta ternura.

O amor é movimento.

E naquela tarde, deitada no colo de Tomás, com o barulho do mundo passando devagar, ela entendeu algo que levava anos para aprender: amar não é encontrar alguém que preencha seus vazios, mas alguém que caminhe com você enquanto você aprende a preenchê-los.

E assim, sem anúncio nem cerimônia, o amor continuou batendo à porta — e dessa vez, Júlia abriu sem medo.



TODAS AS VEZES QUE O AMOR PASSOU POR AQUI



O amor entrou na vida de Miguel numa tarde de domingo, sem aviso e sem cerimônia, como quem se aconchega no último lugar vazio de um banco de praça. Ele estava lendo um livro que não entendia muito bem, mas fingia compreender — hábito antigo — quando uma mulher parou ao seu lado, perguntando se o espaço estava livre. Não estava, mas ele cedeu mesmo assim. Era esse o tipo de amor que Miguel conhecia: aquele que começa por uma concessão.

O nome dela era Elisa. Tinha um cabelo tímido, preso como se tivesse receio de ocupar muito espaço no mundo. Eles conversaram sobre o livro, sobre o calor, sobre

a vida que parecia correr sempre dois passos na frente. Quando ela foi embora, deixou no ar um perfume de tangerina e uma dúvida: será que o amor precisa sempre anunciar quando chega?

Os encontros seguintes aconteceram como acontecem as coisas destinadas: sem esforço. Primeiro na mesma praça. Depois no café da esquina. Depois no apartamento dela, onde ele descobriu que ela colecionava velas e guardava bilhetes antigos que nunca tinha coragem de jogar fora. Ele se apaixonou por essa mania de preservar miudezas. Era como se Elisa dissesse, sem dizer, que nada passa completamente.

Mas essa era apenas uma das faces do amor.

Miguel conhecia outra, mais antiga e resistente: o amor de sua avó Rosa. Foi com ela que aprendeu que amor também pode ser severo. Rosa acordava antes dele para deixar o café pronto, mas brigava quando ele saía sem casaco. Amava do jeito que a vida a ensinou: sem abraços longos, mas com um cuidado que não permitia falhas. Quando ela morreu, deixou uma carta curta: “Cuide de você. Só você pode.” Miguel guardou essa frase como quem guarda um mapa.

E havia o amor que ele tinha pelo amigo Bruno, desses que resistem à passagem do tempo e às mudanças de humor. Bruno era o confidente, o que segurava a barra, o que dizia “você está exagerando” quando Miguel realmente exagerava. A amizade deles era um amor sem cerimônia, construído em anos de conversas e silêncios, em mensagens enviadas às três da manhã, em cervejas compartilhadas depois de um dia difícil. Um amor que não exige presença constante, mas nunca falha quando necessário.

Com Elisa, o amor era diferente. Era leve e intenso ao mesmo tempo, como se cada encontro fosse uma pequena epifania. O amor romântico nasceu rápido, cresceu bonito e caminhou com a naturalidade de algo que finalmente encontra seu lugar.

O problema dos amores que parecem perfeitos é que eles costumam passar por tempestades que ninguém vê chegando.

A primeira fissura veio quando Elisa começou a perder o brilho nos olhos. Não era tristeza, e sim um silêncio novo, mais profundo. Miguel tentou entender, mas ela se fechou como quem teme mostrar rachaduras. Um dia, com uma sinceridade quase cruel, ela confessou: “Eu te amo, mas não estou conseguindo me amar.” Era uma verdade difícil demais para ele, mas necessária demais para ela.

Foi assim que Miguel aprendeu outra manifestação do amor: o amor que deixa ir.

Não houve briga. Não houve culpados. Só um abraço longo demais para ser apenas adeus e curto demais para ser consolo. Ele ficou com o cheiro de tangerina por semanas. Ela ficou com a certeza de que precisava se reencontrar antes de pertencer a alguém.

Miguel afundou por dias, mas não permitiu que o amor terminasse ali. Ele se agarrou ao que ainda restava: o amor pela rotina, pela música que tocava baixa no apartamento, pelas caminhadas longas na orla. Descobriu um amor que nunca tinha praticado direito — o amor-próprio, tão exigente e tão delicado.

A vida seguiu. As semanas viraram meses, e Miguel foi percebendo que o amor é mais persistente do que parece. Ele encontra brechas. Ele retorna de formas inesperadas.

Certa manhã, enquanto atravessava a rua, viu um menino tentando alcançar uma pipa presa num galho. Miguel ajudou. O menino sorriu agradecido. E naquele sorriso simples, Miguel sentiu um calor que reconheceu de outras épocas. Era amor — a forma mais discreta dele, mas ainda amor.

Com o tempo, Miguel começou a escrever pequenas cartas para si mesmo, tentando registrar todas as maneiras pelas quais o amor já o havia tocado. Lembrou da avó Rosa e do cuidado duro. Lembrou de Bruno e da amizade incondicional. Lembrou de Elisa e do amor que o transformou, mesmo que tenha durado menos do que ele queria.

Mas lembrou, acima de tudo, de uma compreensão tardia: o amor não é uma linha reta. Ele é uma borboleta inquieta. Encosta, bate asas, pousa em outro lugar. Às vezes volta. Às vezes não.

Anos depois, reencontrou Elisa por acaso. Eles estavam diferentes: ele mais sereno, ela mais luminosa. Conversaram como velhos conhecidos que já não sofrem pelas antigas feridas. Não houve promessa, não houve retomada. Apenas um afeto tranquilo, desses que sobrevivem ao fim. Quando se despediram, Miguel sentiu algo inesperado: gratidão.

Ele percebeu, enfim, que o amor vive em todas as suas versões. No que chega, no que fica, no que parte, no que volta apenas em memória. O amor é a marca que permanece, mesmo quando tudo ao redor muda.

E naquela noite, antes de dormir, Miguel escreveu sua última carta para si mesmo: *“Todas as vezes que o amor passou por aqui, ele deixou algo. E eu também deixei algo para ele.”*

E isso bastava.



AS FORMAS DO AMOR



O amor chegou para Ângela sem fazer anúncio, numa manhã em que o ônibus atrasou e ela dividiu o abrigo da chuva com um desconhecido. Ele segurou a mochila para não molhar o vestido dela. Foi só isso. Mas às vezes o amor começa assim: num gesto que parece nada, mas que acende alguma coisa que não tem nome.

O nome do homem era Raul. Trocaram duas frases, depois três dias de silêncio, até que se encontraram novamente, como se o acaso fosse um cupido tímido. E dessa segunda vez foi diferente: ele sorriu como quem reconhece,

ela sorriu como quem permite. O amor romântico começou a erguer suas primeiras estruturas.

Foram meses de descobertas: os cafés fortes demais, o jeito dela de dobrar as meias, o jeito dele de dormir virado para a parede, como se estivesse sempre protegendo um segredo. E como todo amor que cresce rápido, veio também a fase em que as diferenças começam a arranhar: o ciúme bobo, a impaciência, a vontade de ter razão. Mas o amor, quando é verdadeiro, não se mede pelo que não dá certo — e sim pelo que insiste em continuar.

Mas essa não era a única forma de amor na vida de Ângela.

Havia o amor antigo de sua mãe, que a esperava acordada, mesmo quando ela chegava tarde, e lhe deixava o jantar coberto na mesa com um bilhete: “Se cuide.” Era um amor feito de pequenas vigilâncias. Aquele que protege sem cercar.

Havia também o amor de amizade com Joana, sua parceira de desabafos. Com Joana, Ângela aprendia que existe um tipo de amor que não pede exclusividade, apenas verdade. Era Joana quem segurava sua mão nos dias de dúvida, quem trazia chocolate quando Ângela chorava sem motivo, quem dizia “eu te entendo” mesmo quando não entendia nada. Era um amor que não se apagava com o tempo — só mudava de cor.

E havia o amor que Ângela dava ao mundo: aos livros que folheava devagar, aos cachorros da praça, às flores que não comprava, mas admirava como se fossem suas. Esse amor silencioso sustentava os dias em que nada parecia fazer sentido.

O tempo passou e, como acontece com alguns amores, o de Ângela e Raul se esgarçou pelas bordas. Não houve traição, grito ou escândalo. Apenas a constatação triste e madura de que certas pessoas se encontram para se transformar, não para ficar. Na despedida, ele disse: “O que vivemos foi bonito.” E ela respondeu: “E continuará sendo.” Era o amor aprendendo a se despedir.

Depois disso vieram meses de recomeço. Ângela se surpreendeu ao perceber que o amor mais difícil de cultivar era o próprio. O amor-próprio é teimoso, exige paciência, exige se olhar com menos dureza e mais acolhimento. Ela falhou várias vezes, levantou em outras, mas entendeu que o amor por si mesma era a base de todos os outros.

Um dia, já longe de Raul e das antigas feridas, Ângela caminhava pela rua quando ajudou uma idosa a pegar algo no chão. A mulher agradeceu com um sorriso tão luminoso que Ângela sentiu o coração aquecer. E compreendeu, de repente, que o amor não é um endereço fixo. Ele se espalha. Ele se multiplica. Ele encontra brechas.

Quando chegou em casa, deitou-se na cama e pensou em todas as formas de amor que já haviam passado por sua vida: o que a despertou, o que a feriu, o que a sustentou, o que partiu, o que ficou — e todos, sem exceção, a tinham preparado para ser quem ela era agora.

O amor, ela finalmente entendeu, não é uma única história. É uma coleção delas. É o que recebemos, o que oferecemos e, principalmente, o que conseguimos manter dentro de nós quando o resto falha. É a força que nos empurra para frente quando o mundo nos puxa para trás.

E, naquele fim de tarde silencioso, Ângela percebeu que sua maior história de amor não era com Raul, com a

mãe ou com Joana. Era com a vida — esse romance imperfeito, cheio de capítulos inesperados, mas que, ainda assim, vale ser lido até o fim.